



Mulheres nas mudas, homens no braçal: A divisão sexual de papéis nas Ciências Agrárias

Women in the seedlings, men in the arms: The Sexual Division of work in the Agricultural Sciences

GOMES, Júlia T¹; FRANÇA, Ana Carolina F²; CALBINO, Daniel³

¹ UFSJ, juliatgomes@gmail.com; ² UFSJ, carolferrer101@gmail.com; ³ UFSJ, dcalbino@ufsj.edu.br

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: A constituição de funções ou atividades de acordo com a ideia inata de diferenças entre sexos, não é novo, apesar de atual. No campo da Engenharia Agrônoma, a profissão historicamente marcada por perfis masculinos, tem acompanhado nas últimas décadas a expressiva ingressão de mulheres. Neste contexto, o trabalho teve por objetivo analisar as questões de gênero na ótica dos estudantes de uma universidade federal. Por meio de uma pesquisa quantitativa foram aplicados 148 questionários com graduandos de ambos os sexos. Os dados indicam rupturas e continuidades nas formas de inserção e participação das mulheres na área, o que coloca desafios ainda a serem superados em um campo de interface constante com a Agroecologia.

Palavras-chave: Gênero; Agroecologia; Mulher.

Keywords: Genre; Agroecology; Woman.

Introdução

Foram quatro homens. Na quinta eu dei uma fraquejada, e veio uma mulher! Por isso o cara paga menos para a mulher, porque ela engravida! As duas frases citadas seriam compreensíveis ao humor pejorativo, se estivessem situadas no início do século XX, em um cenário opressor à inserção das mulheres no mercado de trabalho brasileiro.

No entanto, foram proferidas por um político já lançado como candidato à Presidência da República no ano de 2017. Apesar de politicamente incorreto na disputa eleitoral (e obviamente em todas as outras áreas), o candidato obteve expressivo número de votos do universo feminino, e majoritariamente dos homens, conseguindo se eleger.

Diferente do enunciado proferido, pesquisas no campo da ciência tem apontado que as mulheres recebem menos, não por engravidar e serem menos produtivas ao sistema de economia mercantil, mas, às condições valorativas que colocam barreiras de acesso ao mercado. Um estudo sobre o gênero na Finlândia aponta que não há incompatibilidade entre a carreira e a família, até porque a constituição familiar tende a trazer estabilidade e a rotinização. Assim, a mulher casada conta com o apoio do companheiro (a), o que facilita a dedicação ao trabalho, mesmo com filhos (ICHIKAWA; BONILHA, 2004).

No entanto, à realidade brasileira é bem distinta do contexto nórdico. Além da dupla jornada (trabalho “produtivo” e afazeres domésticos), as mulheres lidam com os



estigmas de competência profissional, restringindo à ascensão aos postos de maior valor no mercado.

No campo das Ciências Agrárias, especificamente na Agronomia, essa realidade se reproduz. No ano de 2006, dados do Ministério do Trabalho e Emprego apontavam que dos 15.120 agrônomos registrados, 12.866 eram homens e apenas 2.254 eram mulheres (OLIVER; FIGUEIROA, 2006).

A masculinização da agronomia é historicamente observável desde os primeiros cursos de Agronomia no país. Szollosi e Lima (2017) registram que por quase meio século, os cursos eram predominantemente masculinos, tomando parte desse espaço apenas nas últimas décadas do século XX, com o avanço substancial de mulheres na área.

Apesar de tradicionalmente masculino, o campo da Agronomia representa um importante vetor nos diálogos com as formas de produção Agroecológica. Não é por menos que diversos Centros Vocacionais Tecnológicos de Agroecologia estão alocados nos departamentos de Agronomia e/ou desmembraram para a formação de grupos interdisciplinares.

Com base neste contexto, o objetivo da investigação é analisar a percepção dos discentes acerca do gênero em um curso de Engenharia Agrônômica. Ao partir da definição conceitual do gênero como uma categoria construída socialmente na diferença sexual (SCOT, 1995), propomos compreender como as supostas divisões de papéis entre homens e mulheres se manifestam no curso, reproduzindo assim, formas sutis de machismo.

Metodologia

A estratégia de pesquisa adotada foi o estudo de caso, que possibilita um aprofundamento e a análise de vários ângulos do fenômeno no ambiente em que está inserido, sendo possível analisá-lo de forma ampla ou focando em determinados aspectos.

A coleta de dados consistiu na elaboração de um questionário quantitativo, constituído de 20 questões, aplicadas aos discentes do curso de Engenharia Agrônômica de uma Universidade Federal no Estado de Minas Gerais, entre os dias de 01/06/2018 a 06/07/2018. Entre o universo de 350 estudantes de todos os períodos, foram respondidos 148 questionários. Para a tabulação e análise dos dados utilizou-se do Software estatístico Statistical Package for the Social Sciences.

Resultados e Discussão

Ao analisar o perfil dos respondentes, um primeiro dado ilustra o avanço do número das mulheres no curso de Agronomia. Observou-se que do total de participantes na pesquisa, 52,7% eram do sexo masculino (78 respondentes) e 47,3% (70



respondentes) do sexo feminino. O perfil se aproximou também do total de matriculados no curso. Segundo dados oferecidos pela instituição investigada, 54% das matrículas são masculinas, o que representa um cenário bastante diverso da área em comparação com o século XX, conforme apontado também por Szollosi e Dias (2017).

Feitas as considerações iniciais, buscou-se compreender como os discentes avaliavam a possível presença de atitudes machistas no contexto em que estavam inseridos. Por meio da questão: “você considera, nas ciências agrárias, o trabalho da mulher mercado por traços machistas?”, as respostas apontaram diferenças entre os dois grupos de estudantes.

Enquanto a maioria das mulheres (53%) afirmou a manifestação do machismo, apenas 37,2% dos homens marcaram a sentença, ilustrando nítidas diferenças entre os envolvidos. Por se tratar de uma investigação de natureza quantitativa, as possibilidades interpretativas são restritas, contudo, levanta-se como hipótese que algumas formas de machismo são mais notadas e “sentidas”, por quem sofre às desigualdades.

Ainda que as diferenças representem uma dimensão abstrata entre os envolvidos, ao questionar “Você acredita que mulheres e homens possuem as mesmas condições físicas, psíquicas e emocionais para lidarem com os desafios da Agronomia”, registrou-se a tipificação da divisão dos papéis sexuais. Enquanto 78% das mulheres afirmaram que as condições são iguais entre os sexos, apenas 48,7% dos homens marcaram essa sentença.

No mesmo sentido da questão, indagou-se: “Você considera que algumas atividades operacionais nas ciências agrárias, os homens possuem condições mais adequadas para desempenhá-las?”. As respostas apontaram que 75,3% dos homens consideraram a distinção como válida. Em contrapartida, observamos contradições entre as mulheres. Se na questão anterior a grande maioria não afirmava uma distinção natural entre os sexos, neste item 54,3% das mulheres enfatizaram a suposta diferença física entre o gênero, em favor da adequação masculina.

Para compreender melhor a questão, invertemos a pergunta para os supostos atributos femininos, questionando: “O que você pensa da afirmação – Mulheres possuem maior zelo e cuidado na hora do manuseio com sementes e mudas”. Dos respondentes masculinos, 61,5% concordaram total ou parcialmente com a afirmativa, enquanto os números subiram para 73% entre as mulheres.

Os dados parecem indicar que as diferenças entre papéis na função do homem como mais forte fisicamente e apto para as atividades de maior esforço físico, se une antagonicamente à concepção da mulher como a figura da cuidadora, que mantém o zelo no manuseio das funções operacionais. O dualismo brutalidade x delicadeza, forte x fraco, representam simbolicamente a expressão da fraquejada proferida pelo presidente para se referir criticamente a inferioridade da figura feminina.



Não é por menos que o conceito de vocação profissional ligado à ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas funções, são mecanismos eficientes para restringir as mulheres de escolher profissões valorizadas socialmente (GROSSI et al., 2016)

Neste mesmo íterim, questionou-se: “A ajuda masculina em atividades braçais, típico de um ato de cavalheirismo nas ciências agrárias, sem o consentimento feminino, caracteriza um tipo de machismo?”. Dentre os respondentes registrou-se que 62,8% dos homens e 60% das mulheres não consideram a atitude machista. Chama a atenção, contudo, que durante a pergunta foi sublinhada a expressão sem consentimento, o que indica uma atitude forçada por um dos lados. A opinião dos entrevistados parece legitimar a naturalização do “cavalheirismo”, como livre ação, o que Glick e Fiske (1996) definem de machismo benevolente.

Para os autores, o machismo benevolente, apesar de manifestar através de atitudes de proteção e afeto dirigidas às mulheres (a ajuda masculina sem consentimento), por sua vez, aceito por elas, representa subjetivamente as crenças na inferioridade feminina. Ao situar a mulher como vulnerável, incapaz na completude, serve para justificar a superioridade masculina, e as consequentes desigualdades no gênero.

Por fim, quando perguntados: “Você se considera machista?”, registrou-se entre os respondes que 64,4% dos homens e 88,0% das mulheres negaram a manifestação de qualquer ato de machismo em seu comportamento ou conduta. No entanto, e paradoxalmente, as respostas emitidas pelos mesmos nas questões anteriores representam ainda que sutilmente, a naturalização dos papéis sexuais que coloca às mulheres em posições distintas e em sua maioria, submissas às condutas masculinas.

Conclusões

Nas últimas décadas as mulheres vêm adentrando em espaços produtivos, inclusive no exercício de atividades antes reconhecidas como masculinas. Contudo, homens e mulheres ainda são valorizados de forma distinta (MOARES; CRUZ, 2018). Neste trabalho, apresentamos as questões de gênero em um curso de ciências agrárias.

Os dados da investigação apontaram para a relação de rupturas e permanências diante de uma divisão sexual de papéis segregada em masculina e feminina. Enquanto rupturas registra-se o aumento da inserção de mulheres na profissão considerada hegemonicamente masculina. Destacamos, contudo que os avanços vão de encontro também às concepções machistas, que legitimam as divisões de papéis sob a ideia natural de diferença entre os sexos. Em conclusão, se as falas da figura pública citada no começo deste texto causam tanto incômodo entre todos aqueles (as) que lutam por uma sociedade mais justa, ressaltamos que as experiências relatadas neste caso, também devem ser vistas com um caminho que permita à comunidade maior atenção para a discriminação do gênero, interiorizado em um formato que suavizam formas de desigualdade, não menos problemática do que a benevolência.



Agencia de financiadora: FAPEMIG.

Referências bibliográficas

GLICK, P; FISKE, S. The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.70, 1996.

GROSSI, M, G, et al . As mulheres praticando ciência no Brasil. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 24, n. 1, 2016.

ICHIKAWA, E; BONILHA, M. Revisitando o mito de Ceres: A presença das mulheres na pesquisa agrícola do Paraná. **Organizações Rurais e Industriais**, v.6, n.2, 2004.

MORAES, A; CRUZ, T. Estudantes de engenharia: entre o empoderamento e o binarismo de gênero. **Cad. Pesqui**, São Paulo, v. 48, n. 168, 2018.

OLIVER, G; FIGUEIROA, S. Ceres, as mulheres e o sertão: representações sobre o feminino e a agricultura brasileira na primeira metade do século XX. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 29, 2007 .

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1995.

SZÖLLÖSI, T; DE LIMA, M. Trajetória sócio profissional da mulher na agronomia: uma questão de renda e da satisfação profissional. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 10, n. 36, p.5-27, 2017.